



**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE  
UNESC CURSO DE HISTÓRIA**

**PAULO HENRIQUE DAL PONT MICHELS**

**A TRAJETÓRIA DE VIDA E LUTA DE CHICO MENDES: UMA  
LUTA PELA PRESERVAÇÃO DA FLORESTA AMAZÔNICA E UM  
HABITAR ECOLÓGICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na forma de artigo como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em História, na Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador Prof. Dr Carlos Renato Carola

**CRICIÚMA, NOVEMBRO 2024**

**PAULO HENRIQUE DAL PONT MICHELS**

**A TRAJETÓRIA DE VIDA E LUTA DE CHICO MENDES: UMA  
LUTA PELA PRESERVAÇÃO DA FLORESTA AMAZÔNICA E UM  
HABITAR ECOLÓGICO**

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de artigo aprovado pela Banca Examinadora como requisito para obtenção do Grau de Licenciado no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Criciúma, 27 de novembro de 2024.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Carlos Renato Carola (Curso História/UNESC) - Orientador

---

Prof<sup>ª</sup>. Msc. Cátia Elaine Alves Constante (SED-SC)

---

Prof. Dr. Juliano Bitencourt Campos (Curso História/UNESC)

## A TRAJETÓRIA DE VIDA E LUTA DE CHICO MENDES: UMA LUTA PELA PRESERVAÇÃO DA FLORESTA AMAZÔNICA E UM HABITAR ECOLÓGICO

**Paulo Henrique Dal Pont Michels**

Graduando/a do curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense

**Carlos Renato Carola**

Orientador, Professor do curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense

**Resumo:** Este artigo é o resultado de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão do Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc). Neste trabalho busco explicitar como os livros e artigos acadêmicos abordam a vida e luta de Chico Mendes. Também procuro analisar como se constituiu a luta dos seringueiros e dos povos indígenas que resultou na Aliança dos Povos da Floresta Amazônica. Na análise das fontes, manejo o conceito do “habitar colonial”, de Malcom Ferdinand, para diferenciar o modo de vida dos seringueiros e indígenas em relação ao modo de vida dos fazendeiros capitalistas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, com abordagem decolonial. Dividi o artigo em três partes. No primeiro tópico, abordo a trajetória de Chico Mendes em livros biográficos. No segundo tópico, analiso a memória do sindicalista-ambientalista em estudos acadêmicos. No último tópico, procuro explicitar o processo de formação da Aliança dos Povos da Floresta.

**Palavras-chave:** Chico Mendes, Habitar Colonial, Aliança dos Povos da Floresta, Floresta Amazônica.

**Abstract:** This article is the result of research for the Final Project of the History Course at the Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc). In this work, I seek to explain how academic books and articles address the life and struggle of Chico Mendes. I also seek to analyze how the struggle of rubber tappers and indigenous peoples was formed, which resulted in the Alliance of the Peoples of the Amazon Forest. In the analysis of the sources, I use Malcolm Ferdinand's concept of “colonial habitation” to differentiate the way of life of rubber tappers and indigenous peoples from the way of life of capitalist farmers. This is a bibliographic and documentary research, with a decolonial approach. I divided the article into three parts. In the first topic, I address the trajectory of Chico Mendes in biographical books. In the second topic, I analyze the memory of the trade unionist-environmentalist in academic studies. In the last topic, I seek to explain the process of formation of the Alliance of the Peoples of the Forest.

**Keywords:** Chico Mendes; Colonial Habitation; Alliance of the Forest Peoples; Amazon Forest.

**Resumen:** Este artículo es resultado de una investigación para el Trabajo Final del Curso de Historia de la Universidad del Extremo Sul Catarinense (Unesc). En este trabajo busco explicar cómo libros y artículos académicos abordan la vida y lucha de Chico Mendes. También busco analizar cómo se conformó la lucha de los caucheros y los pueblos indígenas, que derivó en la Alianza de Pueblos de la Selva Amazónica. En el análisis de las fuentes, utilizo el concepto de “habitar colonial”, de Malcom Ferdinand, para diferenciar el modo de vida de los caucheros y los indígenas en relación con el modo de vida de los agricultores capitalistas. Se trata de una investigación bibliográfica y documental, con un enfoque decolonial. Dividí el artículo en tres

partes. En el primer tema abordo la trayectoria de Chico Mendes en libros biográficos. En el segundo tema, analizo la memoria del sindicalista-ambientalista en los estudios académicos. En el último tema busco explicar el proceso de formación de la Alianza de los Pueblos de los Bosques.

**Palabras clave:** Chico Mendes; Habitar Colonial; Alianza de los Pueblos de la Selva; Selva Amazónica.

## Introdução

Esta pesquisa surgiu a partir de uma conversa com meu orientador sobre um tema para o trabalho de conclusão de curso. Primeiramente tínhamos a ideia de analisar o quadrinho *Mapinguari* de André Miranda e Gabriel Góes e a partir dele fazer análises sobre a atual situação dos seringueiros na Amazônia. Porém, percebemos uma ausência importante no *Mapinguari* que acabou nos instigando uma reflexão: onde está Chico Mendes? O quadrinho faz alusões às lutas dos seringueiros, mas não faz menção explícita à memória de Chico Mendes. Então, decidimos fazer uma pesquisa bibliográfica para verificar a construção da memória de Chico Mendes.

Portanto este artigo-TCC apresenta uma leitura crítica sobre as obras biográficas de Chico Mendes e alguns estudos acadêmicos, observando sua participação na organização da Aliança dos Povos da Floresta e na luta pela preservação da Floresta Amazônica. Chico foi um grande líder sindical dos seringueiros no Acre<sup>1</sup>, integrante e um dos fundadores do movimento Aliança dos Povos da Floresta. Nasceu e viveu no município de Xapuri e tornou-se um ator importante na defesa de um modo de vida em relação de simbiose com a floresta Amazônica, diferentemente da agropecuária capitalista que continua se expandindo e destruindo a floresta.

Para conhecer sua trajetória e sua visão de mundo, usei a metodologia da revisão bibliográfica e documental. Além de conhecer sua biografia, também procurei perceber como Chico Mendes vem sendo representada nas obras biográficas, tentando identificar as múltiplas perspectivas que abordam a pessoa que fora importante liderança para a Aliança dos Povos da Floresta. Optei por selecionar “livros” por entender que este tipo de obra abrange um perfil de leitor para além do mundo acadêmico; e circula mais pela sociedade. Para delimitar as fontes bibliográficas (livros), procurei analisar duas obras de cada década a partir do assassinato de

---

<sup>1</sup> Acre é um estado localizado na região noroeste do Brasil, região amazônica. A capital é rio Branco e o número total de habitantes é de aproximadamente do último censo (2022) é 830 mil (IBGE). Xapuri, cidade onde nasceu Chico Mendes, fica na região sudeste do Estado e possui uma população de cerca de 19 mil habitantes.

Chico Mendes. No período de 1980 a 2020 encontrei mais de 20 livros sobre Chico Mendes. Destes, selecionei dois livros da década de 1980, dois da década de 1990, dois da década de 2000 e dois da década de 2010; e dentre estes 8 livros selecionados entre as décadas de 1980 e 2010, selecionei 4 obras para serem apresentadas neste artigo.

Há um grande problema na disponibilidade dos livros para consulta. Primeiramente, cabe destacar que não há livros sobre Chico Mendes na biblioteca municipal de Criciúma, nem na biblioteca da UNESCO e apenas um livro na Biblioteca da UFSC, em Florianópolis. Esta carência de livros sobre Chico Mendes pode ser um sinal de desconhecimento ou falta de interesse por parte de professores, pesquisadores e alunos, e a sociedade em geral. Então para eu ter acesso aos livros recorri à internet. Ainda assim, um acesso limitado pois nem tudo está disponível para acesso gratuito, portanto aqui já é um primeiro ponto para entender como Chico Mendes é lembrando.<sup>2</sup>

Busquei entender o conceito de “habitar colonial” de Malcom Ferdinand, em seu livro *Uma ecologia decolonial*. Com base nesta obra, caracterizo a agropecuária capitalista da Amazônia de Chico Mendes, como uma atividade econômica que pretende perpetuar o habitar colonial sobre a floresta. As fontes da pesquisa foram selecionadas a partir de uma pesquisa bibliográfica acerca de Chico Mendes, em obras do campo da historiografia brasileira e outros campos das ciências humanas. Fiz a leitura das obras para responder as seguintes perguntas: O que podemos aprender com a história, o pensamento e a luta de Chico Mendes no contexto atual da crise climática? Como as obras biográficas descrevem a memória de Chico Mendes? Como Chico Mendes convivia com a floresta amazônica e os povos indígenas?

Para responder estas perguntas, organizei o artigo em três tópicos. No primeiro, abordo a construção da memória de Chico Mendes em livros biográficos. No segundo, analiso alguns estudos acadêmicos da área de humanidades que também investigaram a trajetória de luta do sindicalista-ambientalista. No último tópico, procuro mostrar o processo de formação da Aliança dos Povos da Floresta.

---

<sup>2</sup> Importante ressaltar que em 2005 a Fundação de Cultura e Comunicação Elias Mansour (FEM) criou a **Casa de Leitura Chico Mendes**<sup>2</sup>, em Rio Branco, capital do Acre. Após ter ficado fechada durante cinco anos, a Casa foi revitalizada, ampliada e reinaugurada em junho de 2024 como Casa da Cultura Chico Mendes. A Casa de Leitura Chico Mendes tem como objetivo proporcionar crianças e adolescentes um acesso fácil à leitura, ela se constitui como um braço da biblioteca municipal de Rio Branco. Lá são feitas atividade de cantoria e leitura, como também proporciona, posteriormente, a estágios e também a contadores de história. (Acre, 2024).

### Chico Mendes nos livros biográficos

O primeiro livro escrito sobre Chico Mendes possui o título de *O testamento do homem da floresta: Chico Mendes por ele mesmo*, sendo a primeira edição de 1989 e a terceira edição, na qual tive acesso, de 1991, organizado pelo sociólogo Cândido Grzybowski<sup>3</sup>. Também acabei por analisar a versão inglesa de 1992, intitulado de *Fight for the forest: chico mendes in his own words*, organizado pelo Gabinete da América Latina, um grupo focado em pesquisa, escrita de livros, notícias e periódicos sobre os países da América Latina. Fiz a leitura mais concisa da versão brasileira, mesmo que a versão inglesa seja complementada por outros elementos narrativos, principalmente pela utilização de imagens que a versão brasileira é quase nula, somente tendo um mapa do Brasil no final do livro. Falo aqui das imagens pelo fato de que elas, além de serem um apoio ao texto, possuem, por si, uma diferente perspectiva dos fatos narrados por Chico Mendes e que acabam dando uma visão muito melhor da vida e das dificuldades do Chico e de seus companheiros de luta. Não somente as imagens, a versão inglesa também contextualiza historicamente os relatos do líder sindicalista. Escolho a versão brasileiro pelo motivo de que a pessoa que organizou, Cândido Grzybowski, foi quem entrevistou Chico Mendes, e interpreto aqui que a sua escrita seja mais coerente do que a da versão inglesa.

**Figura 1** – II Congresso Nacional dos Seringueiros e o Primeiro Encontro Nacional da Aliança dos Povos da Floresta, 1989.

---

<sup>3</sup> Cândido Grzybowski foi um dos membros do comitê que iniciou o Fórum Social Mundial, em 2001, no Brasil. De 2002 a 2004, participou do Fórum de Diálogos de Cooperação Internacional, promovido pelo Ministério de Cooperação da França. Em 2005, participou do International Forum on Globalization (IFG), na Califórnia, Estados Unidos. Durante 20 anos, de 1987 a 2007, foi do Conselho Administrativo do Institute for Agriculture e Trade Policy (IATP). Atualmente, é associado à Fase, ao Instituto de Estudos Socioeconomicos (Inesc), vice-presidente do Centro de Criação de Imagem Popular (Cecip) e membro do Grupo de Referência Global da organização internacional Pão para o Mundo. Desde 2011, integra a Great Transition Network – uma rede mundial que discute alternativas ao desenvolvimento econômico e social.



Fonte: Livro *Fight for the Forest: Chico Mendes in his own words*, 1989.

O livro organizado por Cândido compartilha a última entrevista de Chico Mendes antes de sua morte, em 22 de dezembro de 1988. Foi dividido em 8 capítulos, sendo que os 7 primeiros capítulos abordam o movimento de resistência e luta dos seringueiros perante o avanço da agropecuária capitalista no Acre e em toda região amazônica. O livro mostra o surgimento e reconhecimento internacional do movimento dos seringueiros, assim como a expansão da agropecuária sobre a Floresta Amazônica com apoio do governo militar do Brasil. Também aborda a maneira como os povos da floresta lutam em defesa da floresta, como se organizam, seus erros e acertos, suas continuidades e rupturas. O último capítulo se caracteriza como mais pessoal, sendo o próprio Chico falando de sua vida e de sua formação, como ele acaba por se tornar o líder do movimento de resistência dos seringueiros. Todos os capítulos, tirando a apresentação, a introdução e a biografia, são em primeira pessoa, são as próprias falas de Chico sobre a sua vida como um todo, pois o movimento acaba por ser a sua vida.



**Título:** O Testamento do Homem da Floresta: Chico Mendes por ele mesmo

**Autor/Organizador:** Cândido Grzybowski

**Editora:** Fase, Rio de Janeiro

**Ano:** 1989

A entrevista é basicamente um relato da história de vida de Chico Mendes, seus conflitos, a maneira na qual aprendeu a ler, escrever e se defender contra os fazendeiros capitalistas.

Lembra dos avanços e retrocessos da luta, porém não deixando de lado todos aqueles que fizeram parte da luta antes e junto de Chico, principalmente durante as décadas de 1970 e 1980, onde o movimento ganha força. Isso pelo fato do grande avanço do gado no Acre, com o “Projeto Oeste” da ditadura militar que buscava acima de tudo uma “recolonização” do Acre (Grzybowski, 1989, p. 12). Na agropecuária capitalista para a produção de carne e derivados para o mercado, os proprietários adquirem grandes extensões de terras e providenciam o desmatamento da floresta para cultivar pasto e criar o gado, e, muitas vezes, expulsar os posseiros pobres e/ou povos da floresta. Aqui falamos da Amazônia, contexto em que os seringueiros estavam sendo ameaçados em função da expansão das grandes fazendas dos pecuaristas. Além dos relatos de Chico Mendes, Cândido Grzybowski fala da impunidade daqueles envolvidos e questiona:

(...) Quem e como vai ser condenada a UDR? Qual será a sua pena? E a Secretaria de Segurança do Acre? A Polícia Federal? O Judiciário? O próprio Ministério da Justiça pela sua omissão? Enfim, quem e como vai ser julgada a política de devastação da Amazônia? (Grzybowski, 1989, p. 17).

Aqui fica claro a perspectiva do autor. O livro não é simplesmente um relato de Chico Mendes, mas também uma continuação de sua luta. A manutenção da memória de quem fora o líder dos seringueiros, porém não somente dele, também por todos os seringueiros, os indígenas e todos os outros trabalhadores extrativistas que necessitam da floresta viva. Uma luta entre aqueles que querem viver e aqueles que querem matar, dos seringueiros às milícias privadas da UDR, a “União Democrática Ruralista” que apoiava a ditadura militar e expandia a violência do agronegócio no campo.

O livro de Cândido tem 8 capítulos. Tem uma apresentação do autor sobre o tema, uma biografia muito resumida de Chico Mendes, uma introdução e também, ao seu final, um glossário das siglas utilizadas no livro. O livro se inicia com as falas de Chico sobre o início do movimento de resistência dos seringueiros, no capítulo: *Na origem, um movimento de resistência de seringueiros aos desmatamentos*. No segundo capítulo, *Hoje, um movimento ampliado e com uma proposta alternativa aos desmatamentos na região Amazônica*, aborda a continuação do movimento de resistência e luta dos seringueiros. A partir daí aborda a expansão do movimento como também a quem esta resistência incomodava. No o terceiro capítulo, *A expansão do movimento fere poderosos interesses, gera oposição violenta e desvenda as contradições do Estado*, Cândido Grzybowski mostra a articulação do governo brasileira com os fazendeiros capitalistas.

No quarto capítulo, *A organização interna, as formas de luta e as frentes de ação do movimento*, Chico fala sobre como o movimento dos seringueiros se organizam internamente,

os locais estratégicos das ações e as formas na quais tomam a luta. No quinto capítulo, *Projeto Seringueiro: a ação educativa como estratégia de fortalecimento do movimento*, apresenta uma explicação do próprio Projeto Seringueiro, onde vou abordar no último tópico deste artigo. O sexto capítulo, *Construindo uma rede de relações e apoios para o movimento*, desenrola-se em seu todo na maneira na qual Chico conseguia construir suas pontes de comunicação e apoio, através do diálogo. Prosseguindo para o capítulo sete, *Conquistas, problemas, aspirações*, é um capítulo inteiramente voltado para entender onde houveram erros e onde houveram acertos para que a resistência conseguisse, a partir dessa análise, continuar com mais força. E por último, o oitavo capítulo, *Um líder feito no trabalho e na luta, devotado aos companheiros seringueiros e à defesa da Amazônia*, é inteiramente voltado para, agora sim, uma biografia de Chico Mendes contada pelo próprio Chico. Portanto, percebe-se claramente a perspectiva biográfica do livro: Cândido Grzybowski organiza o livro como porta-voz de Chico Mendes.

*Chico Mendes: um povo da floresta*, escrito por Edilson Martins<sup>4</sup>, foi lançado em 1998. Edilson Martins alega que essa entrevista presente no livro seria a última feita com Chico Mendes antes de ele ser assassinado. A entrevista ocorreu no dia 9 e o assassinato no dia 22 de dezembro de 1988. Aqui entra em conflito com as afirmações de Candido Grzybowski, pois ele também afirma que fez a última entrevista com Chico. Importa saber quem foi o último? Pelo menos para essa pesquisa, não. O que acho interessante é que Edilson Martins fala sobre como a sua entrevista fora barrada pelo editor no *Jornal do Brasil*. O argumento usado pelo editor do jornal foi: “Esse seu entrevistado politizou demais a ecologia” (MARTINS, p. 10, 1998); e isso é a motivação pela qual ele escreve o livro. Edilson, no livro, não explicita quem era o editor do jornal.

---

<sup>4</sup> Jornalista, documentarista, escritor. Há quatro décadas atuando na Amazônia. (Edilson Martins Wordpress).

*Chico Mendes*  
*um povo da floresta*



OsVISIONAUTAS  
Garamond

**Título:** Chico Mendes: Um povo da floresta

**Autor/Organizador:** Edilson Martins

**Editora:** Rio de Janeiro; Editora Garamond.

**Ano:** 1998

O livro tem como foco Chico Mendes, como os outros que estão sendo apresentados aqui. Porém, aqui Edilson busca trazer na íntegra a sua entrevista que fora feita com o intuito de demonstrar à sociedade brasileira que a vida de Chico Mendes corria perigo. Como já dito, a entrevista foi realizada no dia 09 de dezembro de 1988 e o jornal do Brasil se recusou a publicar. A publicação saiu somente dois dias após a sua morte, em 24 de dezembro de 1988.

O livro de Edilson Martins foi lançado 10 anos após o assassinato do líder sindical dos seringueiros. Mesmo dando a entender que após o ocorrido houve um apreço mundial para a preservação da floresta amazônica, o jornalista afirma que “a Amazônia de Chico Mendes continua sendo queimada em holocausto ao lucro sem juízo” (MARTINS, p. 17, 1998). O livro de Martins também expressa uma atitude de porta-voz de Chico Mendes. A organização principal do texto está na entrevista que ele havia feito com o sindicalista antes do assassinato. O prefácio do livro é de Fernando Gabeira, que lembra enfaticamente a morte de Chico Mendes como uma morte anunciada.

Edilson inicia sua apresentação lembrando da noite do assassinato de Chico. Diz que recebeu uma ligação de seu amigo Elson Martins<sup>5</sup>, ligação que daria a ele a triste notícia: Chico

---

<sup>5</sup> **Elson Martins** é um jornalista acreano, nascido em Nova Olinda. Viveu em Rio Branco (AC), Belém (PA), Macapá (AP) e Belo Horizonte (MG). Na capital mineira, começou seus estudos em Jornalismo. Retornou à Amazônia, para Belém, em 1969, como membro da Ação Libertadora Nacional (ALN), mas como não concordava com a ideia de que era preciso iniciar uma guerrilha, acabou se desligando da organização. Em 1975, foi para o Acre e passou a escrever para o jornal O Estado de S. Paulo. Lá, cobriu os conflitos entre seringueiros e latifundiários. “Nunca abri mão de lidar com a emoção. Chorei com seringueiros ao ver áreas desmatadas. E quanto mais eu cobria esses eventos, mais eu queria voltar às minhas origens.” Martins conheceu Chico Mendes, quem ajudou a projetar nacionalmente. Liderou a equipe que produziu o jornal Varadouro, uma das mais importantes

Mendes foi assassinado. E é aqui que Edilson faz uma afirmação peculiar: “Chico Mendes morreu sem saber que era Chico Mendes. Até o dia de seu assassinato era praticamente desconhecido. Pelo menos para a grande mídia” (MARTINS, p. 9, 1998). Digo peculiar pois concordo com Edilson, Chico somente fica conhecido no Brasil por causa de seu assassinato. Não era e ainda não é comum líderes de movimentos ambientalistas ganharem os holofotes na dita “grande mídia” antes de serem assassinados, como no caso da recusa do Jornal do Brasil que se recusou a publicar a entrevista com Chico Mendes por considerá-lo um ambientalista “muito político”.

Tal como no livro anterior, os títulos dos capítulos evidenciam a perspectiva do autor: Uma chamada a cobrar; Mercado para morrer; O começo; A cabeça da cobra; União da fé com a vida; Mata Atlântica e Amazônia, Adeus?; Mogno substitui Ciclo do Ouro; Chico Mendes: a Defesa da Vida. Na continuação de seu primeiro parágrafo, Edilson Martins resume quem fora Chico Mendes, desde seu nascimento até o seu assassinato. Informa que a entrevista foi realizada no dia 9 de dezembro de 1988 e que o livro aborda os 10 anos da morte do seringueiro assassinado. Martins socializa a entrevista com Chico, cujas perguntas expressam a preocupação com uma morte anunciada: “Quem mais o ameaça publicamente? Quantos companheiros vocês perderam? O que é um empate? Qual o balanço dessa resistência da defesa desta floresta? Que denúncias foram feitas? O governo de Rondônia parece não gosta da sua atuação, que teria ajudado a suspender o financiamento de um projeto de 200 milhões por parte do Banco Mundial. É verdade?” (Martins, 1998, p. 21-26).

Edilson Martins se tornou amigo de Chico Mendes. Talvez, mais do que amigo; é um jornalista que tentou salvar a vida do líder dos seringueiros e deu continuidade à sua luta na defesa da preservação da Floresta Amazônica. Em seu livro, Chico Mendes é representado como um “mártir” do movimento ambientalista mundial. Entre os feitos mais grandiosos de Chico Mendes, há no livro de Martins dois de grande relevância: conseguiu construir uma relação de confiança e aliança entre os seringueiros e os povos indígenas; e aprendeu com Wilson Pinheiro e outros companheiros de luta, a fazer o “empate”, uma forma de resistência pacífica ao estilo de Gandhi:

O que é um empate?

Chico - É uma forma de luta que nós encontramos para impedir o desmatamento. É uma forma pacífica de resistência. No início, não soubemos

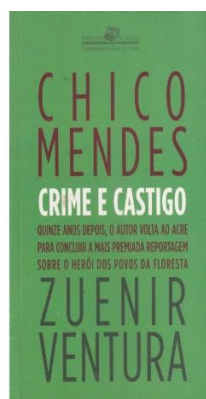
---

experiências da imprensa alternativa do país. O jornalista também fundou a Folha do Amapá, na capital daquele estado. (Memórias da Ditadura)

agir. Começavam os desmatamentos e nós, ingenuamente, fomos à Justiça, ao Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal e aos jornais denunciar. Não adiantava nada. No empate a comunidade se organiza em mutirão, sob a liderança do sindicato, e se dirige à área que será desmatada pelos pecuaristas. A gente se coloca diante dos peões e jagunços com as nossas famílias - mulheres, crianças e velhos e pedimos para eles não desmatarem e se retirarem do local. Eles, como trabalhadores, a gente explica, também estão com o futuro ameaçado. E esse discurso emocionado sempre gera resultados. Até porque quem desmata é o peão simples, indefeso e inconsciente (Martins, 1998, p. 24).

Por volta dos 14 ou 16 anos, Chico aprendeu a ler e escrever com Euclides Fernandes Távora, militante comunista que se refugiou na década de 1950 no Acre. Suas leituras e conversas com Euclides lhe ajudaram a desenvolver uma consciência de classe. Na década de 1970, já homem feito, começou a participar de encontros sindicais. Em 1977 foi vereador eleito pelo MDB e ajudou a construir o Partido dos Trabalhadores (PT), e se candidatou a deputado estadual em 1982, mas não foi eleito. Em 1981 assumiu a presidência do sindicato dos seringueiros de Xapuri, permanecendo até o ano de seu assassinato, em 1988; e em 1985, organizou o 1º Encontro Nacional dos Seringueiros. Em sua trajetória de lutas, Chico Mendes foi preso, torturado e constantemente ameaçado de morte. Além de denunciar os crimes ambientais contra a floresta, Chico Mendes também alertou os organismos internacionais que concediam financiamento de projetos que contribuía para a devastação da floresta. Depois de seu assassinato, Chico Mendes e a Amazônia ganharam visibilidade e prestígio internacional. (Martins, 1998).

Em 2003 é lançado o livro *Chico Mendes: Crime e Castigo: Quinze anos depois, o autor volta ao Acre para concluir a mais premiada reportagem sobre o herói dos povos da floresta*, de Zuenir Ventura. Como informa o longo título do livro, Zuenir Ventura era jornalista e fora novamente ao Acre terminar de vez o ciclo de reportagens que começara no ano de 1989. O livro é uma coletânea de seus escritos para o *Jornal do Brasil*, que trabalhava na época dos acontecimentos da morte de Chico Mendes.



**Título:** Chico Mendes: Crime e castigo. Quinze anos depois, o autor volta ao Acre para concluir a mais premiada reportagem sobre o herói dos povos da floresta.

**Autor/Organizador:** Zuenir Ventura

**Editora:** São Paulo; Editora Schwarcz.

**Ano:** 2003.

A obra de Zuenir se divide em três partes, sendo essas partes todos advindas das reportagens que acabou por escrever. Primeiramente em março de 1989, onde ele aborda como o crime aconteceu, porque de ele acontecer, quem eram os envolvidos, incluindo aqueles que ajudaram a matar Chico Mendes. Pela leitura do livro, constata-se a demora da investigação e da justiça brasileira em chegar e julgar o caso. Tal como livro de Edilson Martins, Ventura também demonstra que Chico já esperava o assassinato e que o mesmo já havia avisado as autoridades do governo brasileiro sobre as ameaças; e que nenhuma ação de proteção foi realizada; que Chico Mendes já tinha conquistado reconhecimento internacional, mas a sociedade brasileira só o conheceu depois do seu assassinato:

O New York Times já o havia considerado “um símbolo de todo o planeta”, o BIRD (Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento), o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) e o Congresso americano apoiavam sua causa, a ONU já o premiara com o Global 500, mas ele precisou ser assassinado no dia 22 de dezembro de 1988 para ser reconhecido em seu país como um herói trágico que anunciou a própria morte. Anunciou incansavelmente. Poucas vezes a polícia contou com uma lista de acusados — mandantes, executores, cúmplices — fornecida pela própria vítima. Por meio de cartas, artigos, entrevistas, Chico denunciou os suspeitos a todas as autoridades, incluindo o presidente da República. Foi uma morte mais do que anunciada. Ele anunciou até o prazo dentro do qual ela ocorreria. Disse que seria assassinado até o dia 30 de dezembro de 1988. Foi morto oito dias antes. (Ventura, 2003, p. 6).

A segunda parte do livro é da entrevista de Zuenir em dezembro de 1990, onde ele volta para o Acre para conseguir cobrir o julgamento de Darly Alvez Pereira e Darci Alves Pereira, mandante do assassinato e assassino, pai e filho, respectivamente. A terceira e última parte se baseia em uma visita ao Acre 15 anos após o assassinato de Chico, em 2003. O autor volta ao local do crime e aos lugares por onde Chico Mendes frequentava, em Rio Branco, capital do estado acreano, e em Xapuri, depois de todos esses anos. Comenta muito sobre as mudanças da capital, sendo a mudança do cenário urbano ou do comportamento das pessoas devido a mudança nas leis locais. Em Xapuri, o problema agora era outro, os latifundiários não tinham mais tanto poder, porém agora o tráfico de drogas dominava a região. Também Zuenir aborda a diferente relação entre o governador do estado do Acre, Jorge Viana, e os fazendeiros e os seringueiros; e como fora o reencontro com aqueles que lutavam ao lado de Chico Mendes, de sua grande família à amigos. Na conclusão do livro, Zuenir (2003, p. 164) acena para o leitor com uma pergunta:

A permanência de Chico Mendes quinze anos depois de sua morte só reforça um mistério que não consegui decifrar: como foi possível nascer e crescer no meio da floresta, num pequeno canto verde que cremos mais propício aos bichos e às plantas, um exemplar tão fecundo da espécie humana?

*Chico Mendes: um Grito no Ouvido do Mundo; como a Imprensa Cobriu a luta dos seringueiros*, é um livro escrito por Nilo Sérgio de Melo Diniz<sup>6</sup>, lançado no ano de 2019. O livro é dividido em 5 partes, incluindo a introdução. A introdução propõe demonstrar o tiro acontecido em 22 de dezembro de 1988 e lança três olhares críticos sobre os fatos que serão analisados no texto. Na apresentação do livro, Diniz (2019) explica o processo da pesquisa que gerou o livro:

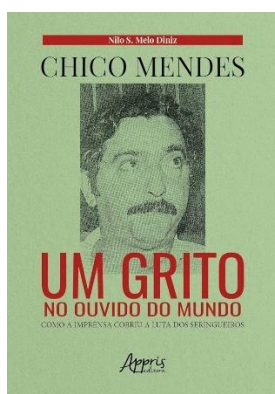
Esta breve reflexão sobre fatos da história contemporânea do Brasil, em diálogo com a cobertura oferecida por parte da mídia brasileira, resulta de uma pesquisa realizada no estado do Acre, entre os anos de 1998 e 2000<sup>1</sup>. O propósito é compartilhar um olhar sobre determinados conflitos sociais numa sub-região da Amazônia, demonstrando a relevância da função informativa e comunicativa na evolução e construção dos acontecimentos. Observa-se, nesse caso, a resistência dos seringueiros à invasão dos "paulistas", com destaque para um de seus líderes, o Chico Mendes, antes e após a sua morte.

A primeira parte discorre sobre os acontecimentos desde os anos de 1970, buscando dimensionar o seu potencial de comunicação e noticiabilidade, contextualizando, assim, a produção da notícia, demonstrando que o jornalista “participa da realidade social, econômica e política, dos conflitos e dos interesses em jogo (DINIZ, p. 11, 2019). A segunda parte busca descrever o perfil de Chico Mendes como uma liderança comunicativa, que possui grande capacidade de articulação, sendo um símbolo de resistência contra a indiferença e desinformação. Além disso demonstra que havia um jornal local que ajudava a informar a população local, chamado de *O Varadouro*, um periódico “nanico<sup>7</sup>”. Na terceira parte o autor discorre sobre a cobertura dos jornais e da imprensa nacional, como também comenta sobre como foi a repercussão do assassinato em canais de notícia fora das fronteiras do Brasil. A quarta e última parte do livro apresenta uma síntese de todo o livro, ligando as notícias, os fatos apresentados anteriormente e a “luta pelo poder simbólico, ou seja, de quem conta a história” (DINIZ, p. 12, 2019).

---

<sup>6</sup> Nilo Sérgio de Melo Diniz é sociólogo (escola de sociologia e política/SP), com mestrado em jornalismo (UnB) e especializado em Participação social (UFMG), Psicoterapia junguiana e Psicossomática (FACIS/IJEP). Foi diretor do CONAMA (Conselho Nacional do Meio Ambiente) e de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente; Assessor da senadora Marina Silva, de meio ambiente da CUT e do International Council for Adult Education – ICAE, com Moema Viezzer (presidente de honra Paulo Freire); orientador social do SESC/SP e fellow do Programa LEAD – Leadership on Environment And Development.

<sup>7</sup> É importante lembrar que nos tempos da ditadura, até meados da década de 1980, era chamada *imprensa nanica* que se atrevia a expressar, mensal ou semanalmente, alguém grau de reflexão e de crítica diante da situação vingente, driblando com dificuldade a censura oficial, que atuava cotidianamente junto dos grandes jornais. (DINIZ, p. 12, 2019)



**Título:** Chico Mendes: Um grito no ouvido do mundo. Como a imprensa cobriu a luta dos seringueiros.

**Autor/Organizador:** Nilo S. Melo Diniz

**Editora:** Curitiba; Appris Editora.

**Ano:** 2019.

Importante falar aqui que o livro teve como propósito colaborar nas atividades do Conselho Nacional dos Seringueiros, que iniciaram em dezembro de 2018, uma memória de 30 anos do assassinato de Chico Mendes. No prefácio, Elson Martins da Silveira cita um trecho de seu artigo publicado na revista *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, Edição especial: 30 Anos do Legado de Chico Mendes, onde qualifica o seringueiro ambientalista como um “revolucionário, universal e amoroso capaz de enfrentar agressores insanos”:

(...) Os segredos da floresta, percebidos através de crenças e mitos que não precisam ser provados, acabam clareando caminhos para a salvação do planeta. Chico Mendes provou a força desse conhecimento. Em tempos desfavoráveis, de ditadura militar e de pouco caso com a destruição amazônica, ele, fora dos padrões da intelectualidade, falando e escrevendo com pouca instrução, foi se revelando revolucionário, universal e amoroso, capaz de enfrentar agressores insanos e de ensinar seus companheiros a lutar por uma vida simples e natural. Falou, escreveu, viajou, gritou para o mundo em defesa do meio ambiente. E encheu de lágrimas e orgulho os olhos desamparados da Amazônia. (Silveira, 2018, p. 24).

O livro de Nilo Diniz apresenta um dos mais triste indicadores de morte no Brasil, que são as mortes no campo, que aumentaram, infelizmente, com o retrocessos econômicos, políticos e sociais após 2016. De acordo com Diniz, isso se acumula e aumenta por causa do poder judiciário brasileiro ser deficiente, ao ponto de que não atende a maioria desses casos, os deixando impunes, criando assim um sentido de normalidade de uma “guerra” travada no campo onde a agropecuária capitalista cresce e ameaçam cada vez mais todos aqueles que fazem frente à sua incessante e violenta expansão.

### **Chico Mendes em estudos acadêmicos**

Ao abordar as leituras de artigos e monografias, busquei me delimitar sobre aqueles que falam diretamente sobre Chico Mendes. Meu interesse nos trabalhos acadêmicos, além de seus conteúdos, é fazer uma pesquisa sobre os autores destes mesmos textos, fazendo uma

investigação para saber se os/as historiadores/as brasileiros já pesquisaram ou não sobre Chico Mendes. Não posso afirmar que a resposta é não, sendo que aqui analiso fontes brasileiras e sei que existem pesquisas alemãs, estadunidenses, francesas, espanhóis, argentinas, entre outras. O que posso confirmar aqui é que há uma dificuldade de se achar fontes relacionadas a historiografia brasileira. Isso não significa desmerecer os trabalhos de outras áreas do conhecimento, porém, como estudante de um curso de licenciatura em História, me causa estranheza não encontrar referências historiográficas sobre a história de Chico Mendes.

Chico Mendes aparece em diversos textos acadêmicos (artigo, dissertação e tese). Mary Helena Allegretti publicou o artigo intitulado de *A construção social de políticas públicas: Chico Mendes e o movimento dos seringueiros* (2008); e Augusto Potigo e Mauro William Barbosa de Almeida publicaram, juntos, o artigo *O legado de Chico Mendes: êxitos e entraves das Reservas Extrativistas* (2018). Mary Helena Allegretti é Antropóloga, Doutora em Desenvolvimento Sustentável e consultora em projetos socioambientais. Augusto Potigo é Doutor e mestre em Antropologia Social e Mauro William Barbosa de Almeida possui graduação em Ciências Sociais, mestrado em Ciência Política e doutor em Antropologia Social.

*Movimentos sociais na Amazônia brasileira: vinte anos sem Chico mendes* (2018), é o artigo de Elder Andrade de Paulo, doutor em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, e Silvio Simione da Silva, doutor em Geografia. Carlos Walter Porto Gonçalves escreveu *Chico Mendes, um ecosocialista* (2008); ele era geógrafo e também lutou ao lado de Chico pelos direitos dos seringueiros e preservação da Floresta Amazônica. O texto *Chico Mendes Vive: Amazônidas em defesa da vida* (2021), é um relato resultado da roda de conversa *Chico Mendes Vive*, realizada durante o *III Congresso Latino-Americano de Ecologia Política*. Nesta roda de conversa se encontravam: Angela Mendes, filha de Chico Mendes, coordenadora do Comitê Chico Mendes, ativista ambiental; Claudelice Santos, bacharelada em direito, técnica em agropecuária com habilitação em Agroecologia, Coordenadora do instituto Zé Claudio; Maria Edel Moraes, mestra em Desenvolvimento Sustentável em povos e Territórios tradicionais, graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia; Sônia Bone Guajajara, liderança indígena, ministra dos Povos Indígenas, graduada em letra e enfermagem e pós-graduada em Educação Especial. Também encontrei o artigo *Chico Mendes: a trajetória de uma liderança* (1992), de Pedro Vicente Costa Sobrinho, graduado, mestre e doutor em Ciências da comunicação. O texto foi publicado na revista *São Paulo em Perspectiva*.

Apresento aqui algumas observações sobre alguns destes trabalhos. Os textos de Carlo Walter Porto Gonçalves (2008) e de Pedro Vicente Costa Sobrinho (1992) abordam as ações de Chico Mendes ainda vivo, o primeiro buscando entender as origens do pensamento de Chico

Mendes, já o segundo é um resumo da vida de Chico Mendes. Carlos Walter caracteriza Chico como um “ecossocialista” que ousou transformar a luta dos seringueiros como uma “luta de interesse da humanidade”; compreendeu que o capitalismo é uma “voraz força destrutiva que havia de ser combatida”. Desta forma, “Chico Mendes vai se tornar um dos maiores próceres do ecossocialismo pela junção da luta contra a devastação com a luta contra a exploração e o capitalismo.” Carlos Walter ressalta ainda que Chico Mendes desenvolveu “junto com seus companheiros a proposta de Reserva Extrativista, uma verdadeira revolução no conceito de unidade de conservação ambiental que, pela primeira vez, não mais separa o homem da natureza como até então se fazia”; e que ele “costumava dizer que a Reserva Extrativista era a reforma agrária dos seringueiros” (Gonçalves, 2009, p. 153).

Os outros quatro textos abordam as permanências e rupturas das lutas que sucederam Chico Mendes. Os dois textos de Mary Helena Allegretti (2008; 2018) buscam falar do legado de Chico Mendes, através do movimento dos seringueiros, da conquista de políticas públicas, como as reservas extrativistas. O texto de Elder Andrade de Paula e Silvio Simione da Silva aborda o apagamento da luta de Chico Mendes, “uma das principais lideranças do sindicalismo rural na Amazônia brasileira, convertido em pacato ‘ambientalista’” (PAULA. SILVA, 2008, p 102). Já o texto que sai da roda de conversa entre Angela Mendes, Claudelice Santos, Edel Moraes e Sônia Bone Guajajara são diretamente ligadas a luta pela preservação de seus modos de viver e habitar o território amazônico, trazendo o processo de re-existência dos Povos da Floresta e sua conexão com a própria floresta amazônica, através do legado de Chico Mendes.

### **Chico Mendes e a Aliança dos Povos da Floresta**

Chico Mendes foi um dos principais personagens para a formação da Aliança dos Povos da Floresta. Convenceu os indígenas e os seringueiros de que a luta pela preservação da Floresta Amazônica era a luta pela preservação da vida de todos/as, aqui falando especificamente do modo de viver dos povos indígenas e dos seringueiros e sua relação com o habitar a Floresta, vivendo com a natureza e não contra a natureza. Mas não posso deixar de lado parte da luta que fora travada anterior a concretização da Aliança. Não tenho aqui espaço para falar de toda ela. Falo isso porque o processo de mudança da perspectiva no qual os seringueiros passam, e serão neles que eu irei focar aqui, é importantíssimo para compreender a relação deles com os indígenas que, por muitos anos, se hostilizaram e que por entrarem em uma relação harmônica com esses povos acabam também descobrindo um modo de viver em consonância à natureza; e Chico Mendes recorda deste processo com muita lucidez:

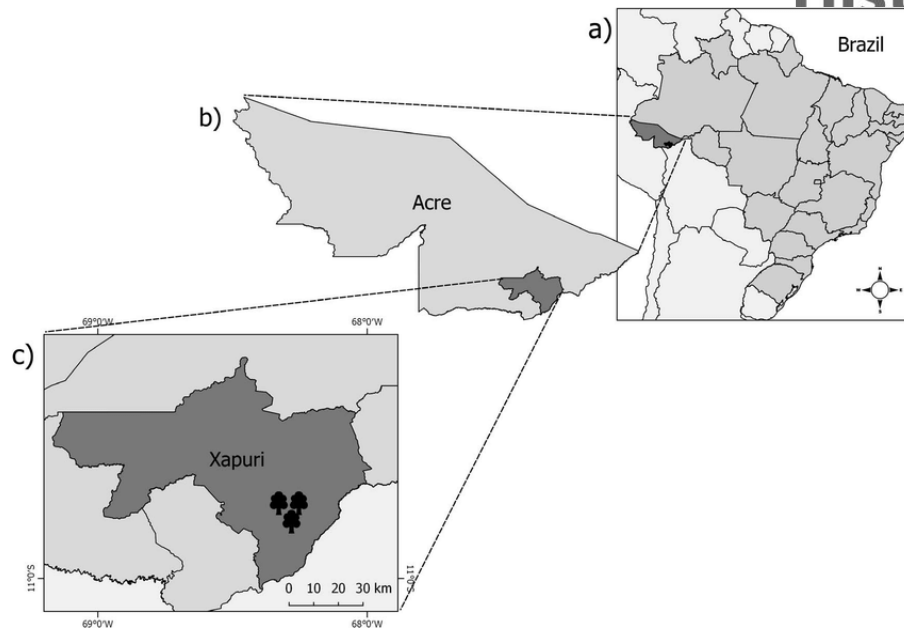
Uma outra preocupação nossa era tentar uma aproximação com lideranças indígenas, pra se unificar esse movimento, já que durante séculos os seringueiros e os índios viveram num confronto permanente. Juntos chegamos à conclusão, através do Conselho Nacional dos Seringueiros e das lideranças indígenas, que nenhum de nós foi o culpado por esses confrontos. Culpados foram exatamente os grandes seringalistas, os banqueiros, enfim, os grandes interessados em nos explorar. Esta consciência começou a crescer rapidamente e foi a partir de janeiro de 86 que começou a ser fortalecer o movimento de aliança dos povos da floresta, que hoje já está mais ou menos definido (Mendes, p. 26, 1989).

Em minhas leituras julgo dizer que a perspectiva mudou por causa do Projeto Seringueiro que iniciou em 1979. Porém, não posso afirmar que aqui seja o ponto inicial, sei que Chico, desde sua alfabetização com Euclides Fernandes Távora<sup>8</sup>, acaba desenvolvendo uma perspectiva diferente perante aqueles com que ele trabalhou. A ideia do projeto era de alfabetizar e educar os seringueiros na região de Xapuri/Acre, somente nessa região de início. Através das ideias e práticas de Paulo Freire, que busca em seu âmago uma formação humana, crítica, como argumenta a professora da UNESP: “Aprender a pensar autonomamente, o desenvolvimento do raciocínio lógico e da capacidade de trabalhar colaborativamente, o ser sujeito do conhecimento” (BRABO, 2021). Chico Mendes pensava uma educação popular, uma educação que estava além dos muros escolares. Além disso, também tinha uma perspectiva sindical “de um sindicalismo rural brasileiro, associado à Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), no Acre” (SOUZA, 2011). O projeto tem como principais realizadores uma antropóloga já citada neste trabalho, Mary Helena Allegretti e Chico Mendes (Mendes, Santos, Moraes, Guajajara, 2021).

**Figura 2 – Localização do município de Xapuri/Acre.**

---

<sup>8</sup> Euclides Fernandes Távora, tenente do exército brasileiro, guerrilheiro comunista. Fez parte da Coluna Prestes e também da Intentona Comunista, e posteriormente fora preso em Fernando de Noronha. Foge da prisão e vai à Bolívia. Em 1956 Távora começa a morar no Acre e exercer o trabalho de seringueiro, coincidentemente no mesmo seringal que Chico Mendes viveu, em Xapuri. De 1962 à 1965 dá aulas para Chico, o alfabetizando e também dando lições sobre Marx, Lenin e organização sindical. No ano de 1965, ao ir visitar Chico em Xapuri, ele desaparece, sem deixar rastros.



Fonte: Site Research Gate. Disponível em: [https://www.researchgate.net/figure/Map-of-Brazil-with-highlighting-to-a-Acre-State-b-Xapuri-municipality-and-c\\_fig1\\_323975723](https://www.researchgate.net/figure/Map-of-Brazil-with-highlighting-to-a-Acre-State-b-Xapuri-municipality-and-c_fig1_323975723).

Mesmo que esse projeto tenha sido pensado primeiramente para a educação dos seringueiros adultos, as altas cargas horárias que o trabalho de extração do látex exigia fizeram com que o rumo do projeto fosse outro. Em 1981, o projeto constrói a primeira escola para a educação das crianças dos seringais. Foi crucial ter a educação presente nos seringais, pois a partir dela que se continuou, e continua, a luta dos seringueiros.

Isto já teve sua importância nas próprias lutas de Xapuri. Por exemplo, a conquista de Cachoeira, primeira reserva de Xapuri, que foi fruto de uma luta organizada, já foi decorrência deste avanço de organização dos seringueiros e também resultado do trabalho educativo nas escolas da região. (MENDES, p. 46, 1989).

Claro que início aqui com o Projeto Seringueiro, porém há de entender que o projeto só foi possível pela organização anterior a ele através dos sindicatos, primeiramente com sindicato de Brasília, fundando em 1975 e que teve um líder sindical importantíssimo a partir de 1978, Wilson Pinheiro<sup>9</sup>, que fora quem iniciou as práticas dos empates<sup>10</sup> na região acreana. E são esses empates que marcaram a luta pela preservação da Amazônia de Chico Mendes, evitando uma invasão ainda maior dos fazendeiros.

<sup>9</sup> Wilson Pinheiro fora o fundador do primeiro sindicato do Acre, em Brasília. Lutou ao lado de Chico Mendes e Raimundo Barbosa para os direitos da vida dos seringueiros. Fora assassinado em 21 de julho de 1980, por um pistoleiro, na sede do sindicato de Brasília.

<sup>10</sup> Empates foi uma forma de resistência pacífica, criada pelos seringueiros e seringueiras do Vale do Acre, para tentar “empatar” a derrubada das florestas da região, que estavam sendo destruídas pelos destruidores vindos do Centro-Sul do País, que eram todos chamados de “paulistas”, para derrubar os seringais e colocar em seu lugar a pata do boi. (CNS Brasil, 2023)

Então entendido isso, passo a falar da aliança dos povos da floresta em si. É a partir dela que se entende um outro modo de habitar o território e não muito novo para os seringueiros e muito menos para os indígenas. Aqui falo da Reserva Extrativista, uma área de preservação ambiental que comporta o convívio de comunidades locais que interagem com o ecossistema florestal de forma ecológica. A ideia de Reserva Extrativista (Resex) foi idealizada por Chico Mendes e seus companheiros/as a partir das reservas indígenas. A Resex foi definida conceitualmente por um decreto presidencial de 1990:

O Decreto 98.897, de 30 de janeiro de 1990, definiu as Reservas Extrativistas como “espaços territoriais destinados à exploração autossustentável e conservação dos recursos naturais renováveis por população extrativista”. E justificou: “...Os planos de conservação ambiental para a Amazônia não levaram em conta, no passado, a existência de populações locais que habitam a floresta, retirando dela meios para viver, mediante o uso de técnicas não predatórias [...] os planos de desenvolvimento não reconheceram, no passado, a contribuição positiva que as populações extrativistas podem dar para a riqueza nacional [...] Este conceito (de Reserva Extrativista) ... se distingue de Unidades de Conservação, que preveem atividades de exploração sujeitas a planos de manejo, mas não levam em conta as populações locais, seus direitos, sua organização e sua tradição cultural”. (MCM, 2009).

Então há de entender aqui duas coisas principais. Primeiramente que a floresta, toda a vida que está envolvida no ecossistema presente na Amazônia, é de extrema importância para a convivência dos povos que ali já habitavam em simbiose com a natureza. Importante aqui frisar que não havia uma vivência de exploração da natureza, mas sim uma convivência com a floresta. Malcom Ferdinand, em seu livro *Uma ecologia decolonial*, aborda um conceito que ao meu ver é crucial para enfrentar o habitar da modernidade, que é o habitar colonial. Compreender este conceito é entender que nós, no continente americano, do polo Sul ao polo Norte, nunca nos descolonizamos, pois continuamos, após nossas independências, com a língua, a religião, a ciência, os valores e o paradigma desenvolvimentista dos colonizados. Portanto, o modo como vivemos, como habitamos a terra em que estamos, continua sendo o modo do “habitar colonial”. E é aqui que faço um contraponto a esse modelo referenciando das Reservas Indígenas e também as Reservas Extrativistas.

Primeiramente, o modelo de Estado e sociedade na qual nós brasileiros vivemos, é o da propriedade privada e economia capitalista, onde por meio de leis, contratos ou de posse de um pedaço de terra, adquirimos uma propriedade individual. Esta forma de habitar a terra ou o território como propriedade única e exclusiva do homem-proprietário, é o nosso modo de habitar que almeja conquistar a natureza, explorar os recursos naturais e humanos. Mas então como as Reservas Indígenas e Extrativistas são diferentes? Elas não estão também dentro desse modelo? Não, primeiramente porque não é uma propriedade privada, é uma terra assegurada pelo Estado brasileiro, portanto uma terra pública, onde todos aqueles que fazem parte da

comunidade estabelecida por lei, tem o direito de habitar a floresta e desfrutar do território pra construir uma vida digna em comunidade, preservando a floresta. Entretanto, no mundo capitalista conviver com a floresta de forma ecológica é sempre correr o risco de ser ameaçado ou expulso pelas forças do capital, como é demonstrado neste trecho de reportagem do jornal *Brasil de Fato* (2023):

Extrativistas historicamente ligados à produção de borracha, castanha e açaí estão sendo expulsos por fazendeiros armados. Um deles relatou ao **Brasil de Fato** que será assassinado caso volte à reserva. Outro morador da Resex teve a casa queimada com todos os pertences dentro por se opor às invasões. Os moradores da Jaci-Paraná afirmam que os fazendeiros invadem áreas destinadas por lei ao extrativismo e promovem a extração ilegal de madeira, queimadas, desmatamento e abertura de estradas como forma de intimidar os moradores e expandir a pecuária ilegal. (Brasil de Fato, 2023).

Além de não ser uma terra privada, as reservas propiciam um outro modo de se relacionar com a terra. Ao analisar o modo de habitar colonial, se vê a destruição quase total na vegetação para a construção de alguma estrutura própria para habitação, já com os extrativistas e indígenas, isso muda. Não há como nenhum desses dois grupos poderem continuar sua vida sem a floresta, pois é ela que lhes dá o sustento, não só econômico, mas sua alimentação e seu modo de viver. Com isso a natureza que os cerca não é considerada um recurso meramente exploratório, é um ser amalgamado que se aprende a viver em conjunto, se vive com a natureza e não contra a natureza.

E por último, no habitar que infelizmente herdamos de nossa colonização, também é advindo de um altericídio. Os fazendeiros capitalistas, assim como os antigos colonizadores, invadem o território para explorar os recursos naturais e humanos; eles não almejam promover uma relação de alteridade ou pareceria com os povos da floresta, eles almejam explorar, expulsar ou eliminar as comunidades nativas. Em consequência disso, vimos na notícia o que acontece com aqueles que são considerados o “outro”, o que não pode se tornar o “eu”, são ameaçados, rechaçados e muitas vezes mortos. Por isso que a Aliança dos Povos da Floresta é importantíssima, ela foi um marco que proporcionou para aqueles que por muito tempo se rivalizaram, agora estão podendo aprender juntos, viver juntos, lutar juntos.

Em 2021, o projeto fois dos povos da floresta foi revitalizado, com o movimento chamado *Aliança entre Povos Indígenas e Extrativistas pelas Florestas do Acre*. O movimento busca, através da interação entre Tis (Terras Indígenas) e as Resex do Acre, novas formas de proteção e monitoramento territorial, conseguindo responder as pressões políticas, econômicas e aos invasores. Juntando as lideranças indígenas e extrativistas novamente para conseguirem manter seu modo de vida, seu modo de ser, de existir. Por fim, o desenvolvimento e a

continuação da Aliança dos Povos da Floresta demonstra que os desafios enfrentados por Chico Mendes e todos aqueles envolvidos nos empates e disputas políticas, ainda perduram.

### Considerações finais

Através das minhas pesquisas nos livros, artigos, notícias de jornais e portais de organizações, consegui mostrar, acredito eu, a construção da memória de Chico Mendes tanto nas universidades como fora dela. Além disso a resistência posta pelos seringueiros e pelos indígenas, em movimentos separados e em conjunto, demonstra que há ainda uma necessidade pela mudança. Mudar o nosso pensamento, nosso modo de viver e o nosso modo de habitar a terra. Falo isso, pois a memória deste conflito está atrelado a uma disputa de narrativas, principalmente ligada a Chico Mendes. Para se ter uma ideia, em 2022, a estátua que homenageia Chico foi derrubada, isso sendo uma ação do bolsonarismo, onde, já no primeiro mandato de Jair Messias Bolsonaro, as invasões nas Resex aumentaram exponencialmente. Porém, não são somente ataques que existem, também a resistência continua firme e, principalmente, a luta dos mais novos. Em 2023, a partir da comemoração do aniversário de Chico, a juventude amazônica, em conjunto com a velha guarda seringueira, se comprometeu em recuperar as práticas de empates e continuar propagando os seus descontentamentos e suas lutas.

### Referências

ACRE. Agência de Notícias do Acre. Governo do Acre entrega Casa da Cultura Chico Mendes. Rio Branco, Acre, 26 jun. 2024. Disponível em: <https://agencia.ac.gov.br/governo-do-acre-entrega-casa-da-cultura-chico-mendes/#:~:text=Rio%20Branco%20ganhou%20nesta%20quarta,ao%201%C3%ADder%20sindical%20e%20ambientalista>. Acesso em: 07 nov. 2024.

ALLEGRETTI, Mary. **A construção social de políticas públicas. Chico mendes e o movimento dos seringueiros**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 18, p. 39-59, jul./dez. 2008. Editora UFPR.

ALMEIDA, Mauro W. Barbosa de. ALLEGRETTI, Mary Helena. POSTIGO, Augusto. **O legado de Chico Mendes: êxitos e entraves das Reservas Extrativistas**. Desenvol. Meio Ambiente, v. 48, Edição especial: 30 Anos do Legado de Chico Mendes, p. 25-55, novembro 2018.

AQUINO, Júlio Barbosa de. Mary Allegretti: Uma companheira imprescindível. **CONSELHO NACIONAL DAS POPULAÇÕES EXTRATIVISTAS**. Disponível em: <https://cnsbrasil.org/mary-allegretti-uma-companheira-imprescindivel/>. Acesso em: 9 de

outubro de 2024.

ARÁÚJO, Camila. Nova geração de ambientalistas no Acre: empate de Xapuri é retomado pela juventude da Amazônia. **Brasil de fato**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/12/20/nova-geracao-de-ambientalistas-no-acre-empate-de-xapuri-e-retomado-pela-juventude-da-amazonia>. Acesso em: 8 de outubro de 2024.

BRABO, Tânia Suely Marcelino. A educação voltada para valores humanos de Paulo Freire continua atualíssima. *Jornal da UNESP*, São Paulo, 24 de setembro de 2021. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2021/09/24/a-educacao-voltada-para-valores-humanos-de-paulo-freire-continua-atualissima/>. Acesso em: 9 de outubro de 2024.

CHAVES, Leandro. A união promove a gestão integrada de nove terras indígenas e três Resex para garantir a sustentabilidade e conservar a floresta. **Plena Mata**. Disponível em: <https://plenamata.eco/2022/06/09/alianca-povos-floresta-acre/>. Acesso em: 24 de outubro de 2024.

CONSELHO NACIONAL DAS POPULAÇÕES EXTRATIVISTAS. Aliança dos povos da floresta. Conquistas. Disponível em: <https://cnsbrasil.org/alianca-dos-povos-da-floresta/>. Acesso em: 9 de outubro de 2024.

DA REDAÇÃO. Casa de leitura Chico Mendes celebra 12 anos de fundação. **Agência de Notícias do Acre**. Disponível em: <https://agencia.ac.gov.br/casa-de-leitura-chico-mendes-celebra-12-anos-de-fundacao/>. Acesso em: 24 de outubro de 2024.

DINIZ, Nilo S. Melo. **CHICO MENDES: UM GRITO OUVIDO NO MUNDO: Como a imprensa cobriu a luta dos seringueiros**. Curitiba: Appris editora, 2019.

FARIAS, Adrielle. Reserva Chico Mendes morre aos poucos com desmatamento, crise hídrica e violência. **Terra**, 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/planeta/meio-ambiente/reserva-chico-mendes-morre-aos-poucos-com-desmatamento-crise-hidrica-e-violencia,b65279752c885a8b581e08debbb166461zddx3ke.html>. Acesso em: 7 de out. 2024.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Chico Mendes, um ecosocialista**. Buenos Aires: CLACSO, Año X, Nº 25, abril, 2009, p. 151-154. Disponível em: <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/13853/1/09porto.pdf>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

GRZYBOWSKI, Cândido. **O TESTAMENTO DO HOMEM DA FLORESTA: CHICO MENDES POR ELE MESMO**. Rio de Janeiro: FASE – Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional, 1989.

HECHT, Susanna. COCKBURN, Alexander. **O DESTINO DA FLORESTA**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

KLEIN, Daniel da Silva. **Comunistas, revolucionários e a passagem de Che Guevara pelo Acre: um olhar sobre um contexto de resistências entre 1962 e 1966**. 2011. P. 13. Simpósio Nacional de História –ANPUH, São Paulo, julho de 2011.

Le Monde Diplomatique Brasil. Vozes da Floresta: Ailton Krenak. Youtube, 14 de abril de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KRTJH1os4w>. Acesso em: 7 de agosto de 2024.

LINKEDIN. Cândido Grzybowski. Pessoas. Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/candidoibase>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

MARINHO, Leilane. PACÍFICO, Bruno. Aliança dos Povos da Floresta: comunicação no combate à crise climática. 2 de junho de 2023. Disponível em: <https://cpiacre.org.br/alianca->

[dos-povos-da-floresta-comunicacao-no-combate-a-crise-climatica/](#). Acesso em: 9 de outubro de 2024.

MARTINS, Edilson. **Chico Mendes: um povo da floresta**. Rio de Janeiro, Brasil: Garamond Ltda. 1998.

MEMORIAL CHICO MENDES: Vai além de uma história. Reservas Extrativistas. Disponível em: [https://www.memorialchicomendes.org/?page\\_id=35](https://www.memorialchicomendes.org/?page_id=35). Acesso em: 10 de outubro de 2024.

MEMÓRIAS DA DITADURA. Elson Martins. Personagens. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/personagens/elson-martins/>. Acesso em: 24 de outubro de 2024.

MENDES, Angela. SANTOS, Claudelice. MORAES, Edel. GUAJAJARA, Sônia Bone. **Chico Mendes Vive: Amazônidas em defesa da vida**. Narrativas e reflexões: Insurgências Decoloniais e Horizontes Emancipatórios. São Paulo. Vol. 24, 2021.

MENDES, Comitê Chico. Aliança dos Povos da Floresta: comunicação no combate à crise climática. **Comitê Chico Mendes**, 2024. Disponível em: <https://www.comitechicomendes.org/portal-487/why-deserts-matter-too-maymt-ecnr4>. Acesso em: 8 de outubro de 2024.

PAJOLLA, Murilo. A realidade de uma das primeiras reservas extrativistas do Brasil. **Brasil de Fato**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/09/08/a-realidade-de-uma-das-primeiras-reservas-extrativistas-do-brasil>. Acesso em: 24 de outubro de 2024.

PAJOLLA, Murilo. Fazendeiros ameaçam e expulsam últimos moradores de reserva extrativista estadual em Rondônia; estado é comandado por bolsonarista. **Brasil de Fato**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/11/08/fazendeiros-ameacam-e-expulsam-ultimos-moradores-de-reserva-extrativista-estadual-em-rondonia-estado-e-comandado-por-bolsonarista>. Acesso em: 24 de outubro de 2024.

PAULA, Elder Andrade de. SILVA, Silvio Simione de. **Movimentos Sociais na Amazônia brasileira. Vinte anos sem Chico Mendes**. Revista NERA, Presidente Prudente, ano 11, nº. 13 pp. 102-117 Jul.-dez./2008.

SILVEIRA, Elson Martins da. Chico Mendes: coragem e ternura na resistência acreana. Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 48, Edição especial: 30 Anos do Legado de Chico Mendes, novembro 2018, p. 7-24. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/58819/36932>. Acesso em: 24 de outubro de 2024.

SOUZA, José Dourado de. **ENTRE LUTAS, PORONGAS E LETRAS: A ESCOLA VAI AO SERINGAL; (RE)COLOCAÇÕES DO PROJETO SERINGUEIRO (XAPURI/ACRE – 1981/1990)**. 2011. P. 238. Tese de Doutorado. UFMG, Belo Horizonte/MG, 2011.

VENTURA, Zuenir. **CHICO MENDES CRIME E CASTIGO: Quinze anos depois, o autor volta ao Acre para concluir a mais premiada reportagem sobre o herói dos povos da floresta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.